

# POLÊMICA DO LIVRO DO MEC

Alessandra Miranda

Ana Paula Tenório

Carla Eugênia

Claudenor Barboza

Edmilson Aurino

Eduardo Macena

Janaína Vila Nova

Klérik Silva

Lívia Cavalcante

Sandra Duarte<sup>1</sup>

Núbia Baker<sup>2</sup>

## Resumo

*Este trabalho, baseado na proposta apresentada por Alkmim quando afirma que “a variedade alçada à condição de padrão não detém propriedades intrínsecas que garantam uma qualidade “naturalmente” “superior às demais variedades”, tem como objetivo demonstrar que apesar de inovador o livro do MEC apresenta as variações habituais de uma língua que está em pleno uso.*

**Palavras chave:** olêmica, livro didático do MEC, variação linguística.

## Introdução

Este artigo científico que nasceu de um trabalho desenvolvido na disciplina “Projetos Integradores II”, consiste em uma breve pesquisa acerca da questão polêmica do livro didático do MEC “*Por uma vida melhor*”, da coleção “Viver e aprender”, lançado pela editora Global, para ser utilizado nas escolas públicas na Educação de Jovens e Adultos no período letivo de 2010 a 2013.

Por abordar assuntos da Linguística, de forma inédita, este livro gerou muita polêmica na mídia, como também, em vários setores de nossa sociedade. Como o tema do nosso trabalho de Projetos Integradores II foi o “*Preconceito Linguístico*”, utilizamos a discussão gerada por este livro para realizarmos a pesquisa.

Tendo em vista a amplitude do tema, optou-se por delimitar a pesquisa, focando principalmente na abordagem da questão polêmica, na busca das correntes críticas a favor e das que foram contra a abordagem linguística do livro, e principalmente, optamos por mostrar a visão da autora sobre o assunto.

## 1. Pressupostos teóricos

---

1 -Alunos do 3º período do curso de Letras-Universidade Federal de alagoas- UFAL

2- Orientadora

É notório que toda sociedade que fala apresenta variedades linguísticas nessa fala. Para Alkmim (2001), essa variação não se dá no vácuo, mas inserida num contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade.

Além disso, a autora ainda afirma que a *língua* e as *variações* são inseparáveis, e que para a Sociolinguística a diversidade linguística não é um problema, mas uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Por ser um fato comum a todas as sociedades que falam, a autora ainda defende que toda língua é adequada à comunidade que dela se utiliza, é um sistema complexo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive. E que em todas as sociedades existem as línguas ditas como “superiores” ou “inferiores”, conceito este que não se liga a capacidade maior ou menor de se comunicar ou de se fazer entender da língua utilizada, mas principalmente, por valorar seu usuário, isto é, “vale como reflexo de poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. (GNERRE, 1985 *apud* ALKMIM, 2001 p. 39).

### **3. A questão polêmica**

A polêmica se deu com a edição e distribuição do livro “Viver e aprender” nas escolas, tendo como público os alunos da modalidade de ensino “*Jovens e Adultos*” (EJA). O livro traz em seu conteúdo a discussão sobre variações da língua no seu uso cotidiano, citando construções sintáticas como “nós pega”, dentre outras, que não são normalmente utilizadas nos livros didáticos, os quais visam como principal e mais importante a norma culta.

Os autores, além de abordar a variedade culta da língua com o intuito de ensinar a norma padrão, também se preocuparam em enfatizar que existem outras variedades que devem ser respeitadas, já que elas de fato existem e sempre irão existir, pois a língua é viva e permanece em constante mudança, refletindo a pluralidade de culturas, faixas etárias, regiões geográficas, classes sociais e econômicas, dentre tantos outros fatores que afetam a língua.

Eis o trecho do livro que causou toda essa polêmica:

Os **livro** ilustrado mais interessante estão emprestado.

livro (masculino, singular) → os (masculino, plural)  
ilustrado (masculino, singular)  
interessante (masculino, singular)  
emprestado (masculino, singular)

Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro? Vejamos:

O fato de haver a palavra **os** (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os **livros** ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro?’”

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1.ª/2.ª/3.ª) com o ser envolvido na ação que ele indica.

O menino pegou o peixe.  
menino → singular  
pegou → singular

O menino pegou o peixe.  
menino → 3.ª pessoa  
pegou → 3.ª pessoa

Os meninos pegaram o peixe.  
meninos → plural  
pegaram → plural

Eu peguei o peixe.  
eu → 1.ª pessoa  
peguei → 1.ª pessoa

Nos exemplos utilizados, apesar do verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe, ou até mesmo na ação de emprestar “o livro ou os livros”. Na explicação não existe defesa por uma ou outra variedade, mas o que as autoras pretendiam era deixar claro que apesar de contextos e utilizações diferentes, as variedades existem e são válidas quando inseridas num contexto correto.

Eis mais alguns exemplos de outros trechos do mesmo capítulo, não mencionados na cobertura da imprensa:

“A língua escrita não é o simples registro da fala. Falar é diferente de escrever” (Cap.1, p.11).

“Como a linguagem possibilita acesso a muitas situações sociais, a escola deve se preocupar em apresentar a norma culta aos estudantes” (Cap.1, p.12).

“A norma culta existe tanto na linguagem escrita como na linguagem oral, ou seja, quando escrevemos um bilhete a um amigo, podemos ser informais, porém, quando

escrevemos um requerimento, por exemplo, devemos ser formais, utilizando a norma culta”. (Cap.1, p.12).

Os trechos citados, retirados do livro “Por uma vida melhor”, mostram que a intenção da autora Heloísa Ramos, era abordar as variedades linguísticas como um fato comum e possível. Ela ressalva também que é importante o ensino da norma culta, ou seja, o ensino da variedade padrão, e com isso se esclarece que o livro “não valoriza”, ou afirmar que “falar errado é correto” como a mídia expôs, mas que a variedade linguística é um fato comum e que habitualmente convivemos com ele.

#### **4. Correntes Críticas**

##### **4.1-Corrente que foi contra o livro:**

Entre as correntes que foram contra ao conteúdo abordado pelo livro destacamos 3 (três): A Academia Brasileira de Letras (ABL), matérias que apareceram no Bom Dia Brasil (jornal da TV Globo) e na revista Veja.

A ABL divulgou uma nota na qual discorda da posição do Ministério da Educação quanto ao livro com “erros gramaticais” distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático, do próprio MEC, a 484.195 jovens e adultos em 4.236 escolas. A ABL afirma “estranhar certas posições teóricas” dos autores de livros que chegam às mãos de alunos do curso fundamental e médio com a chancela do Ministério da Educação: “O manual que o Ministério levou às nossas escolas não ajudará no empenho pela melhoria que o Ministro tão justamente aspira”. A ABL conclui dizendo que esse livro é completamente inadequado.

Os *meios de comunicação* engrossaram as críticas ao ministério e ao livro, formando uma verdadeira tropa “em defesa” da língua pátria. Jornalistas gesticulam, esbravejam, tecem discursos moralizantes em torno do idioma. Prova disto é o comentário do colunista da revista Veja Augusto Nunes:

Os autores do livro didático *Por uma vida melhor*, chancelado pelo MEC, decerto se inspiraram na oratória indigente do Exterminador do Plural (Lula) para a escolha de exemplos que ajudem a ensinar aos alunos do curso fundamental que o “s” no fim das palavras é tão dispensável quanto um apêndice supurado. O certo é falar errado, sustenta o papelório inverossímil.

O jornalista Alexandre Garcia, em entrevista ao Bom Dia Brasil, disparou contra o livro e o MEC, criticando certa cultura que fraqueja diante dos insucessos escolares, que flexibiliza demais o ensino e permite o caos que hoje colhemos na educação.

“Quando eu estava no primeiro ano do grupo escolar e a gente falava errado, a professora nos corrigia, porque ela estava nos preparando para vencer na vida. É notório que o conhecimento vem pela educação, em casa, na escola, na vida e também é óbvio que a raiz está na capacidade de se comunicar; a língua escrita que transmite/difunde o conhecimento diferencia o animal homem dos demais animais, a educação liberta e torna a vida melhor, porque nos livra da ignorância que é essa condenação a uma vida difícil, quem for nivelado por baixo terá a vida nivelada por baixo, pois ironicamente esse livro se chama “POR UMA VIDA MELHOR”. Se fosse apenas uma polêmica linguística tudo bem, mas, faz parte do currículo de quase meio milhão de alunos e é abonado pelo Ministério da Educação, na moda do politicamente correto defende-se o endosso ao falar errado para evitar um preconceito linguístico; aqui no Brasil alunos analfabetos passam de ano para não serem constrangidos, aboliu-se o mérito, e agora se aprova a frase errada para não constranger.”

O suposto pecado da obra, que é distribuída pelo Programa do Livro Didático, do Ministério da Educação, e que se utiliza de construções do tipo "*nós pega o peixe*" ou "*os livro ilustrado mais interessante estão emprestado*" não constituem exatamente erros, sendo mais bem descritas como "inadequadas" em determinados "contextos".

#### **4.2-Corrente que foi a favor ao livro:**

Diante das acusações feitas pela mídia, o Ministério da Educação (MEC) organizou um dossiê contendo uma compilação de 17 artigos postados em diferentes tipos de mídia (jornais, blogs, sites, etc.) que reconhecem que o livro não preconiza o ensino da variante popular.

Nesse dossiê pode-se encontrar o artigo *Preconceito linguístico ou ensino democrático e pluralista?* Feito por Dante Lucchesi, professor de Língua portuguesa da Universidade Federal da Bahia e Pesquisador do CNPQ, no qual podemos encontrar o seguinte recorte:

A revolta se concentra em uma passagem do livro que diz que o aluno poderia dizer algo como “os livro”, em certos contextos, mas que deveria empregar a forma padrão “os livros”, sobretudo em situações formais para não ser vítima do preconceito linguístico.

Foi o suficiente para que políticos, jornalistas, intelectuais e professores manifestassem toda a sua perplexidade e indignação. Até uma procuradora do ministério público federal, no melhor estilo udenista da marcha com Deus pela família, ameaçou com processo os responsáveis pela edição e pela distribuição do livro. Argumentou-se que, sendo a missão da escola ensinar a “forma correta”, não

podia admitir o uso da “forma errada”; e que à escola cabia ensinar a norma culta, e não a popular. Chama a atenção, em primeiro lugar, o açonamento e leviandade de alguns posicionamentos, que revelaram que seus autores sequer se deram ao trabalho de ler o livro.

Encontra-se também nesse dossiê um artigo de Ataliba Castilho, Professor Titular aposentado da USP e da Unicamp, que em entrevista ao portal IG afirma como “É difícil insistir em normas para a língua num país que adora desobedecer às regras”, Ataliba acrescenta “As pessoas estavam acostumadas com a ideia de que só há um jeito de falar. Mas agora há a percepção de que a língua é heterogênea e que há vários modos de dizer a mesma coisa”.

César Callegari, do Conselho Nacional de Educação, em entrevista ao canal digital Univesp, afirma que “não tem nenhuma defesa de erro gramatical”. “O que a professora está orientando é outra coisa; é o respeito à expressão que vem da sociedade brasileira, das suas múltiplas expressões oral, escrita...”. É o que diz o Callegari após ter parabenizado a aceitação do livro e explicado como se dá a seleção e avaliação das obras que são distribuídas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

#### **4.3. A versão da coautora Heloísa Ramos:**

Para a coautora, o livro não está promovendo essa forma de falar e escrever. “Esse capítulo é mais de introdução do que de ensino. Para que ensinar o que todo mundo já sabe?”. Segundo Heloísa, o objetivo proposto pelo livro é que se aceite dentro da sala de aula todo tipo de linguagem, não reprimindo assim aqueles que utilizam a linguagem popular. “Não queremos ensinar errado, mas deixar claro que cada linguagem é apropriada para uma situação”.

Entrevistada pelo jornal “O Estado de São Paulo”, a coautora do livro "Por uma vida melhor" afirma que o livro é fruto de sua carreira e que não cometeu erro algum, como mostra os trechos da entrevista a seguir: “O livro é fruto da minha carreira. Escrevi o que já havia praticado”.

Durante a entrevista ela explicou que foi um mal entendido, e que pegaram apenas uma frase sem contexto dentro do capítulo que trata de concordância nominal e verbal.

Heloísa explica ainda que neste capítulo do livro, na língua oral, quando se diz "os livro é popular", entende-se que é plural. “Mas, na verdade, acho que houve uma falta de aceitação. A mídia diz que a escola não produz aprendizagem, mas quando se

mostra um aspecto pedagógico ou didático, ela tem posição conservadora, trata com ironia”.

Heloísa deixou claro também que essa discussão é antiga e que há pelo menos 30 anos se fala disso entre os que se preocupam em democratizar o ensino e que talvez em um tempo em que só a elite ia para escola, a normal culta bastasse. Hoje, com o acesso da classe popular, a formação tem de ser mais ampla. O livro é direcionado ao Ensino de Jovens e Adultos. Foi feito para aquele que pode ter sido discriminado por falar errado. Os autores não defendem uma escola que fique parada na linguagem popular. Com o aprendizado, o estudante se vê como um falante da sua língua e sabe que, sem a norma culta, não terá acesso a bens culturais e conhecimentos científicos. Ramos relatou que, na realidade, o espanto se deu por que ela escreveu, colocou no papel, o que já se discute há tempo. Disse que nenhum livro didático falou diretamente disso. “Nosso livro tem a linguagem voltada para o aluno. Por isso, explicito essa questão da concordância. Recebi elogios de colegas. Muitos deles disseram que eu fui corajosa”.

Em relação às críticas recebidas de professores e de membros da Academia Brasileira de Letras, Heloísa disse estar muito tranquila e que não cometeu nenhum erro conceitual e que o livro é fruto da sua carreira. O que ela escreveu já havia praticado com seus alunos. E o livro também recebeu pareceres antes da publicação. “Os outros dois autores da coleção e eu sempre falamos: se ninguém quiser os nossos livros, nós queremos.”

## **Conclusão**

Diante do conteúdo exposto sobre o caso polêmico do livro “*Por uma vida melhor*”, da coleção “Viver e aprender”, concluímos que a mídia escrita e falada em sua maioria apenas mostrava a variedade linguística apresentada pelo livro sem procurar o que na realidade era defendido pelas autoras, não havia comprometimento na narração da notícia, mas o real objetivo era implantar uma verdade absoluta na cabeça dos leitores.

Observamos ainda que em nenhum momento o livro ensina que os estudantes devem falar somente a linguagem popular, porém mostra que existe a variedade e as situações em que cada variedade é ou não aceita. Não é um ensino certo ou errado da língua e sim a demonstração de que a variação existe e que ela pode ser empregada em várias situações corriqueiras sem desmerecimento da linguagem culta.

Observamos também que o entendimento da autora sobre a questão abordada vai além do fato de ensinar o aluno a falar e só depois ensinar a escrever, já que falamos anteriormente que o livro em questão seria utilizado para o curso de jovens e adultos (EJA), pois este apresenta como pressuposto a aceitação da realidade do aluno mostrando a ele as variedades linguísticas de sua própria língua, que mesmo que não seja reconhecida como a linguagem oficial, ainda assim é o português com todas as variações normais que uma língua viva apresenta.

Notamos que é preciso enfatizar a necessidade dos professores que irão utilizar o material conhecerem o porquê da apresentação da variedade linguística e assim conseguirem transmitir ao aluno que na verdade não existe o erro que foi exposto pela mídia, mas sim a apresentação do que ocorre na vida real, o livro mostra ao aluno as variedades de uma língua que está em pleno uso e esta sofre modificações constantes de seus usuários.

E também que não existe melhor ou pior variação linguística, mas que estas se adequam ao contexto utilizado e as pessoas envolvidas no discurso, permitindo que seu usuário consiga exprimir algo do mundo, o qual este está inserido.

Portanto a utilização do material é válida e seria na verdade uma maneira de minimizar as barreiras que existem dentro da sala de aula, tentando assim deixar o aluno mais inserido no contexto, sem críticas e nem preconceitos.

## Referências

ALKIMIM, Tânia Maria, In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C *Introdução à linguística – domínios e fronteiras 1*. São Paulo. Cortez, 2001

RAMOS, Heloísa e outros. *Por uma vida melhor*; volume 2, ed. Global. 2009.

Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=11763&sid=727>>. Acesso em: 31 de julho de 2012.

Dossiê do MEC, Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16649#terra](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16649#terra)>.

Acesso em: 31 de julho de 2012.



Augusto Nunes, blog da revista Veja. Disponível em: <  
<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/tag/estudantes/>> Acesso em 31 de julho de  
2012.